

DOSSIÊ

A sociologia das relações família-escola: reconfigurações sociais e novas perspectivas analíticas e metodológicas

Por uma sociologia da relação escola-família

For a sociology of the school-family relationship

Pedro Silva^a

pedro.silva@ipleiria.pt

RESUMO

O presente artigo corresponde a um ensaio pessoal onde proponho o uso da expressão *sociologia da relação escola-família*. Para tal, apresento elementos de legitimação social e teórica – por exemplo, através da análise de centenas de publicações nos mais variados formatos, assim como da referência à organização de eventos académicos e científicos – que, em minha opinião, sustentam tal proposta ao apontarem para a existência, desde há décadas, quer de um campo/problemática da relação escola-família, quer de uma prática consolidada de análise sociológica da mesma. Simultaneamente, apresento, de forma sucinta, a minha própria conceção de uma sociologia da relação escola-família.

Palavras-chave: Relação Escola-Família. Sociologia. Sociologia da Educação.

ABSTRACT

This paper corresponds to a personal essay where I propose the use of the expression sociology of the *school-family relationship*. For this purpose, I present elements of social and theoretical legitimation – for example, through the analysis of hundreds of publications in the most varied formats, as well as through reference to the organization of academic and scientific events – which, in my opinion, support this proposal by pointing to the existence, for decades, of both a field/issue of the school-family relationship and a consolidated practice of a sociological analysis of the same. At the same time, I briefly present my own conception of a sociology of the school-family relationship.

Keywords: School-Family Relationship. Sociology. Sociology of Education.

Introdução

A *sociologia da relação escola-família* tem-se traduzido, desde há décadas, numa prática consistente de pesquisa científica com a correspondente publicação nos mais variados formatos (livros, artigos, teses etc.). Não sendo, porém, frequente o emprego daquela expressão, este texto constitui uma defesa do seu uso.

^a University of Leiria (IPLEiria), Leiria, Portugal.

Duas notas, desde logo:

- 1) entendo esta expressão – *sociologia da relação escola-família* – como sinónimo daquilo que é, na prática (e uma prática recorrente), uma *análise sociológica da relação escola-família*;
- 2) entendo ainda, neste contexto, a expressão “escola-família” como sinónimo de “família-escola” ou outras expressões similares.

A este respeito, subscrevo por inteiro Tânia Resende (2013, p. 199): “embora considerando que possam ser empregadas com acepções diferentes, utilizaremos neste texto, com sentido equivalente, as expressões ‘relações entre escolas e famílias’, ‘relações entre famílias e escolas’, ‘relação família-escola’, ‘relação escolas-famílias’”.

Sendo a expressão proposta pouco frequente, procuro aduzir nas secções que se seguem um conjunto de argumentos e de factos que sustentam a minha proposta. Para tal, apresentarei, de forma sucinta, elementos de legitimação (social e teórica), assim como a minha perspetiva pessoal de uma sociologia da relação escola-família. Incluo neste sobrevoos um olhar em passant sobre a pesquisa no campo da relação escola-família, em particular desde o início do presente século. O capítulo releva, todo ele, de uma considerável economia de texto atendendo aos naturais constrangimentos de espaço.

Elementos de legitimação

As relações entre escolas e famílias remetem para a interação de duas instituições sociais centrais das sociedades pós-industriais, sociedades altamente escolarizadas onde a naturalização da condição de estudante tende a fundir-se com a de criança e/ou de jovem, o que tem motivado o uso da expressão *alunização* da infância e da juventude por autores como José Alberto Correia (2008) e Manuel Matos (2008; 2009).

A existência de uma sociedade altamente escolarizada, com a referida naturalização da condição de aluno, constitui, assim, uma condição social que permite, no mínimo, levantar-se a questão da possível autonomia de um campo ou problemática focado na relação escola-família (e atendendo a que, paralelamente, sempre existiram famílias, independentemente da sua forma concreta, conforme a história, a sociologia e a antropologia da família têm mostrado). Ora, as relações entre escolas e famílias vêm sendo desde há décadas objeto de atenção crescente e multidisciplinar, nomeadamente por parte da sociologia, da psicologia e da antropologia.

Como veremos, a análise sociológica da relação escola-família constitui uma prática recorrente e com bases sólidas, sobretudo na sociologia da educação, a qual constitui simultaneamente um ramo da sociologia e uma das ciências da educação. Não sendo frequente o uso da expressão sociologia da relação escola-família, existem, todavia, duas notáveis exceções através do emprego de termos muito próximos: a) um artigo de Jean Pierre Terrail, publicado numa revista científica em 1997 e intitulado *Sociologia das interações família/escola*; e b) o Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE), um grupo de pesquisa criado em 2003 na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Se a própria designação por extenso do OSFE já é,

só por si, significativa, podemos ler ainda o seguinte na apresentação que nos é oferecida na sua página eletrônica:

inicia-se, dessa forma, nos principais centros produtores de pesquisa em Sociologia da Educação – isto é, em países como França, Suíça, Bélgica, Inglaterra e EUA – a constituição de um novo campo de estudos, que passa a ser conhecido como “*sociologia das relações família-escola*” (OSFE, s.d.- itálico nosso, aspas no original).

O uso destes dois termos similares – “*sociologia das interações família/escola*” e “*sociologia das relações família-escola*”; um de 1997; o outro de 2003 – não se tornou, no entanto, recorrente; não ganhou raízes. Mas tem ganho a sua prática efetiva.

Apresentarei, de seguida, alguns elementos de legitimação social e teórica, quer do campo da relação escola-família, quer de uma sociologia do mesmo.

Legitimação social

Existe todo um conjunto de indicadores que apontam para a relativa autonomia do campo da relação escola-família.

Um deles remete para a definição de políticas nacionais e internacionais com a respetiva tradução na legislação dos vários países, onde, desde há décadas, se vem registando, pelo menos nos países ocidentais, uma aproximação no sentido da promoção de uma maior participação parental nos sistemas educativos, tendendo-se mesmo, por razões várias, para um certo consenso legislativo (Beattie, 1985; David, 1993; Silva, 2003). Este consenso traduz-se ainda em orientações políticas supranacionais por parte de agências como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) ou a Comissão Europeia. Um sinal forte, no contexto europeu, é a criação, em 2002, do *Dia Europeu dos Pais e da Escola* (a segunda terça-feira de outubro).

A um outro nível, pode referir-se a existência de associações científicas e a organização de eventos académicos, nacionais e internacionais, que conferem visibilidade social ao campo das relações escola-família.

Por exemplo, em 1916 foi criada a *American Educational Research Association* (AERA), uma associação centenária que realiza um congresso anual que atrai sempre largos milhares de participantes e que tem cerca de 180 *Special Interest Groups* (SIG). Um deles, o nº 43, intitula-se *Family, School, Community Partnerships* e organiza as suas próprias sessões. Em 1994, foi criada uma associação europeia congénere, a *European Educational Research Association* (EERA), que realiza igualmente congressos anuais. Inclui 33 Networks, intitulando-se a Network nº 14 *Communities, Families, and Schooling in Educational Research*, competindo-lhe igualmente a organização dos eventos nesta área, nomeadamente durante as conferências anuais da EERA.

Se estamos até aqui perante associações internacionais na área da educação que constituíram grupos de pesquisa ligados à problemática em causa, existem também associações e redes de pesquisa dedicadas exclusivamente a esta área. É o caso da *International Network of Scholars on Families, Communities, and Schools*, constituída por Don Davies e Joyce Epstein, em 1991, na sequência da promoção de uma *International Roundtable on School, Family, and Community Partnerships*, que

continua a reunir bienalmente nos Estados Unidos desde final dos anos 1980. Também em Portugal se realizou, em 1993, uma *European Roundtable on School, Family, and Community Partnerships*, a qual se tornou o embrião da *European Research Network about Parents in Education* (ERNAPE), fundada neste mesmo ano em Glasgow. Esta associação realiza uma conferência bienal (em anos alternados aos da sua congénere norte-americana), tendo a primeira ocorrido em Copenhaga, em 1996.

Constata-se que a problemática da relação escola-família-comunidade ganha foros de legitimidade nas associações de educação, mas não tanto nas de sociologia. Neste caso, quer a Associação Portuguesa de Sociologia (APS), quer a *European Sociological Association* (ESA), quer a *International Sociological Association* (ISA), possuem grupos de pesquisa em sociologia da educação e em sociologia da família, mas não sobre a escola-família¹. Não deixa, assim, de ser assinalável a constituição, em 2003, do já mencionado OSFE, que visa constituir-se em “uma instância de produção e de divulgação de conhecimentos no campo das relações família-escola”, assim como “busca contribuir para a problematização e a valorização da temática da relação família-escola no âmbito da Sociologia da Educação brasileira”. Neste sentido, aponta para “uma aproximação entre Sociologia da Educação e Sociologia da Família” e tendo em conta a emergência de um campo de estudos intitulado “sociologia das relações família-escola” (OSFE, s.d.).

Complemente-se a informação anterior salientando que, no entanto, vários congressos de Sociologia da Educação conferiram alguma visibilidade à relação escola-família, não tanto pela aceitação de comunicações sobre esta temática (as quais são recorrentes nos encontros de sociologia e de educação e de outras ciências sociais e humanas), mas pela inclusão de mesas redondas ou de painéis sobre a mesma. É o caso da II Conferência Internacional de Sociologia da Educação, em 1993, em Faro, com a Mesa-Redonda plenária *Escola-Família: Que Relações? Que Contradições?*², ou da I Conferência Luso-Brasileira de Sociologia da Educação, em 2008, em Belo Horizonte, através da Mesa-Redonda nº 3: *As Relações Família-Escola na Contemporaneidade*³. Curiosamente, a constituição destas mesas-redondas ou painéis não parece ser apanágio de encontros de Sociologia da Família. Constata-se, assim, que a relação escola-família tem sido alvo de atenção sobretudo em eventos de educação e não tanto de sociologia. Paralelamente, no campo desta, é a sociologia da educação que lhe tem conferido alguma visibilidade.

Registe-se que em Portugal tem havido encontros científicos com especialistas da relação escola-família⁴. Quer a *European Conference on Educational Research* (ECER), conferência anual da

¹ Esta afirmação também é válida para a Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), fundada em 1990, que possui uma secção de Sociologia da Educação, mas não sobre a relação escola-família.

² Esta mesa-redonda teve como participantes Joyce Epstein e Pedro Silva, tendo sido moderada por Raúl Iturra.

³ Esta mesa-redonda contou com as participações de Léa Paixão, Maria Alice Nogueira, Nadir Zago e Pedro Silva, tendo sido moderada por Maria José Braga. Ana Diogo apresentou ainda uma comunicação intitulada “Estratégias de famílias e escolas” numa mesa-redonda sobre efeitos de escola.

⁴ Refira-se, por exemplo, o *Encontro Internacional Escolas, Famílias e Lares*, em novembro de 2007, no Instituto Politécnico de Leiria, onde se fez o lançamento do livro *Escolas, famílias e lares, um caleidoscópio de olhares*, organizado por mim. Este encontro pôde contar com a presença de 13 dos 14 autores, juntando, assim, um número significativo de especialistas portugueses e estrangeiros.

EERA, em 2002 (em Lisboa) e em 2014 (no Porto), quer a ERNAPE em 2013, realizaram conferências em Portugal. A conferência da ERNAPE, que decorreu em Lisboa, permitiu juntar especialistas de renome como Don Davies, Miriam David e Joyce Epstein, entre outros⁵.

Para além deste tipo de indicadores sobre a relação escola-família, em geral (definição de políticas por instâncias internacionais com tradução na legislação nacional de muitos países; secções especializadas em diversas associações científicas, muitas de âmbito internacional; organização de painéis específicos sobre a problemática em eventos académicos), também a relação em causa tem vindo a ser objeto de mediatização por parte da imprensa escrita e audiovisual, incluindo pela visibilidade trazida pelo movimento associativo parental através das associações de pais e respetivas confederações.

Note-se que estamos perante sinais de legitimação social da problemática da relação escola-família, em geral. Alguns deles, no entanto, remetem para a aposição de um olhar especificamente sociológico sobre a relação, como é o caso dos painéis/mesas-redondas organizados no âmbito de encontros de sociologia e/ou sociologia da educação ou da criação de um grupo de pesquisa que lhe é consagrado como é o caso do OSFE.

Legitimação teórica

A problemática da relação escola-família tem igualmente vindo a ser objeto de publicações variadas. Trata-se de algo consistente desde há décadas e que assume uma diversidade de tipos de literatura, incluindo ensaios, guias, manuais, obras de sistematização, apresentação de projetos, textos científicos. A esta diversidade corresponde também uma pluralidade de formatos, incluindo livros e artigos científicos, jornalísticos e de mera opinião, bem como teses de mestrado e de doutorado, entre outros. Muitos deles convocam olhares assumidamente disciplinares, outros nem tanto. Dentro destas centenas de obras que delimitam um campo da relação escola-família sobressai, como veremos, um número significativo relativo a uma análise sociológica da relação.

Apresentarei, de seguida e sucintamente, alguns dados relativos ao formato revista e ao formato livro.

Revistas científicas

Sendo impossível inventariar aqui a multiplicidade de artigos publicados num incontável número de publicações periódicas das mais variadas geografias e línguas, limitar-me-ei a assinalar alguns *números temáticos* que foram dando à estampa no âmbito de revistas muito diferentes. Debruçar-me-ei depois um pouco sobre uma revista em particular.

Assim, começarei por me limitar a referir exemplos como o do *International Journal of Educational Research* que, nos anos 1990, publicou os números temáticos *Families, schools and*

⁵ Nesta conferência fez-se, por exemplo, o lançamento do livro *A escola também se vive cá fora* (Henderson *et al.*, 2013) com a presença dos seus quatro autores, todos eles especialistas na relação: Anne Henderson, Karen Mapp, Vivian Jonhson e Don Davies.

children's learning, com organização e textos de Kevin Marjoribanks (1994), e *Crossing boundaries: family, community, and school partnerships*, com Don Davies e Vivian Johnson (1996) como Guest Editors; o número da revista francesa *Lien Social et Politiques*, intitulado *Familles et école* e organizado em 1996 por Léon Bernier e François de Singly (Bernier; Singly, 1996); ou ainda o número do periódico espanhol *Aula Abierta*, publicado em 2019 sob o título de *Relación entre Centros educativos, familias e entidades comunitarias*, organizado por Beatriz Rodríguez-Ruiz, Lucía Álvarez-Blanco, Raquel-Amaya Martínez-González e Joyce Epstein (Rodríguez-Ruiz *et al.*, 2019).

No caso português temos alguns exemplos de números temáticos por parte de revistas de educação: a) em 1993, o dossiê temático *Escola-Família*, do número de abril-maio da revista *Educação e Ensino*, da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal; b) o número temático *Educação e Família*, organizado por Natércio Afonso para a revista *Inovação* em 1994, Ano Internacional da Família; c) o número *Escola-Famílias*, organizado neste mesmo ano por Ramiro Marques para a ESES (1994), revista da Escola Superior de Educação de Santarém; d) em 2006, o número *Pluralidade de olhares sobre escolas e famílias e suas intra e inter-relações*, da revista *Interações*, com Pedro Silva como editor convidado; e e) em 2022, o número *A escola, a família e a comunidade na construção de parcerias*, da revista *Medi@ções*, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, cujo dossiê temático foi organizado por Isaura Pedro e Pedro Silva (2022).

Nesta breve menção a periódicos científicos, não poderia deixar de assinalar a única revista internacional do meu conhecimento que se dedica especificamente à problemática aqui em causa: o *International Journal about Parents in Education* (IJPE). Trata-se da publicação oficial da ERNAPE, que começou a ser difundida em 2007 por iniciativa de Stefano Castelli, um dos fundadores daquela rede de pesquisa. É uma revista que publica exclusivamente em língua inglesa e que conta com contributos de autores e de pesquisas empíricas originários de todos os continentes. O IJPE publicou até agora (2007 a 2023) um total de 153 artigos em 15 números distribuídos por 13 anos diferentes. Com alguns dos números a apresentarem subtítulos, os artigos distribuem-se do seguinte modo:

- v. 1 (2007), *Schools and families in partnerships: looking into the future*, 35 artigos;
- v. 2 (2008), 5 artigos;
- v. 3 (2009), 5 artigos;
- v. 4 (2010), 6 artigos;
- v. 5, n. 1 (2011), 5 artigos;
- v. 5, n. 2 (2011), *Current issues in home-school-community partnership*, 15 artigos;
- v. 6 (2012), 6 artigos;
- v. 7, n. 1 (2013), 8 artigos;
- v. 7, n. 2 (2013), *Families, schools and communities: new trends for a future with equity*, 21 artigos;
- v. 8 (2014), 4 artigos;
- v. 9 (2015), *Schools, parents and communities: building new futures through research and innovation*, 13 artigos;

- v. 10 (2018), *Intensification, constraint and opportunity: changing roles for parents, schools and communities. Addressing equity and diversity issues*, 10 artigos;
- v. 11 (2019), *What we talk about when we talk about parental involvement*, 5 artigos;
- v. 12 (2020); *Parent engagement as power*, 9 artigos;
- v. 13 (2023), 6 artigos.

Numa breve análise de conteúdo, podemos incluir os conteúdos desta centena e meia de artigos em 16 categorias (alguns artigos integram mais do que uma categoria):

- Pais/envolvimento parental: 41;
- Relação entre professores e pais: 22;
- Educação especial: 13;
- Relação escola-família-comunidade: 12;
- Professores: 12;
- TPC/deveres de casa: 9;
- Dimensão de ação coletiva: 7;
- Leitura/literacia: 7;
- Formação de professores: 6;
- Crianças/jovens: 5;
- Género: 4;
- Legislação e políticas educativas: 4;
- Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC): 3;
- Democracia: 3;
- Estudantes-pais-trabalhadores: 3;
- Epistemologia/metodologia: 2.

Como vemos, fazendo jus ao título da publicação, predominam os artigos em que os pais são explicitamente alvo de atenção. Eles constituem um dos principais atores sociais de uma vasta teia que inclui atores centrais e periféricos (Silva, 2003). É de registar ainda que cerca de 1/5 dos artigos, ou seja, cerca três dezenas, socorre-se de uma perspetiva sociológica, integrando, assim, o campo de uma sociologia da relação escola-família.

Tendo passado em revista muito rapidamente o contributo de periódicos científicos – através da menção a números temáticos e de uma breve análise do IJPE – que sustentam a existência de um *corpus* teórico da problemática da relação escola-família, mudemos agora o olhar para o contributo afim de publicações em formato livro.

Livros

Sendo também impossível inventariar tudo o que deu à estampa, identifico em um Quadro⁶, obras que conheço e publicadas em várias línguas (português, inglês, francês e espanhol), com destaque para a língua portuguesa (nomeadamente Brasil e Portugal, com ênfase na realidade portuguesa, a que conheço melhor). Trata-se de um roteiro pessoal, que, portanto, só poderá pecar por defeito. Porém, ele não deixa de sustentar – assim o creio – a existência de um *corpus* bibliográfico sólido, quer relativamente à problemática da relação escola-família, em geral, quer de afirmação de uma sociologia da relação escola-família, em particular.

O quadro integra um total de 149 livros, incluindo oito livros brasileiros e 77 portugueses. Eles estão distribuídos pelas seguintes categorias⁷: a) Ensaio; b) Guias, manuais e obras de sistematização; c) Obras não sociológicas sobre a relação; d) Obras sociológicas não centradas na relação; e e) Obras de análise sociológica da relação, ou seja, de uma *sociologia da relação escola-família (SREF)*, assinalada no quadro a negrito. Os livros apresentam-se assim repartidos:

- Pré anos 1980: 7 livros, incluindo 2 sobre a SREF;
- Anos 1980: 18 livros, incluindo 9 sobre a SREF;
- Anos 1990: 39 livros, incluindo 11 sobre a SREF;
- Anos 2000: 54 livros, incluindo 19 sobre a SREF;
- Anos 2010: 27 livros, incluindo 3 sobre a SREF;
- Anos 2020: 4 livros, incluindo 1 sobre a SREF.

Centena e meia de livros sobre a relação escola-família numa lista que não é exaustiva sustenta, em minha opinião, a existência de um *corpus* bibliográfico sólido sobre esta problemática. Continuando a analisar o quadro, mas mudando agora o foco para uma sociologia da relação escola-família, encontramos 53 livros, 16 dos quais de autores lusófonos, incluindo seis brasileiros e 10 portugueses, assim distribuídos:

- Pré anos 1980: 2 (0 brasileiros + 0 portugueses);
- Anos 1980: 9 (0 brasileiros + 0 portugueses);
- Anos 1990: 11 (0 brasileiros + 2 portugueses);
- Anos 2000: 19 (3 brasileiros + 7 portugueses);
- Anos 2010: 11 (2 brasileiros + 1 português);
- Anos 2020: 1 (1 brasileiro + 0 portugueses).

⁶ Corresponde à atualização de um quadro originalmente apresentado na *I Conferência Luso-Brasileira de Sociologia da Educação*, em 2008, Belo Horizonte, e posteriormente publicado em Silva (2010; 2012). Por motivos alheios ao autor e às organizadoras do presente volume, o quadro acabou por não ser incluído. Ele pode, no entanto, ser solicitado através do seguinte endereço eletrónico: prioliveiracoutinho@gmail.com.

⁷ Embora vários livros pudessem estar integrados em mais do que uma categoria, optei por fazer corresponder cada um a apenas uma.

Destes 53 livros (alguns dos quais coletivos) vemos que 22 são publicados até ao ano 2000 e 31 depois, o que poderá sugerir um interesse crescente pela análise sociológica da relação em causa. Igualmente interessante é, neste âmbito, percebermos que se encontram apenas duas obras em língua portuguesa até ao ano 2000, enquanto que elas passam para 14 entre 2000 e 2023 (seis brasileiras e oito portuguesas). Por outras palavras, parece haver igualmente um interesse crescente por parte de uma sociologia da relação escola-família no âmbito da lusofonia, pelo menos no Brasil e em Portugal.

Fazendo uma breve análise ao conjunto das 53 obras de sociologia da relação escola-família, o seu conteúdo abrange as seguintes categorias (diversos livros integram mais do que uma categoria):

- Classes sociais, género e etnicidade: 24;
- Estratégias educativas das famílias: 11;
- Criança como ator social: 5;
- A dimensão de ação coletiva: 5;
- Casos de contratendência: 4;
- Parcerias: 4;
- Formação de professores: 3;
- Infâncias desiguais: 2;
- A relação no ensino privado: 1;
- Relação entre associações de pais e de estudantes: 1;
- Pais-professores⁸: 1;
- Reconfiguração da relação: 1.

Como vemos, o foco predominante remete para uma problemática central da sociologia: a clivagem de ordem estrutural em termos de classe social, de género e de etnia. Seguem-se, à distância, a preocupação com a vertente lar através da incorporação de algum tipo de olhar sobre estratégias educativas familiares, a criança enquanto ator social da relação, a dimensão de ação coletiva (associações de pais e representantes parentais em órgãos da escola, mas também associações de estudantes), casos de contratendência, parcerias (*partnerships*), a problemática da formação de professores e a das infâncias desiguais, sendo os restantes temas pontualmente abordados.

De novo, insisto, mais de 50 obras em formato de livro, escritas em várias línguas e oriundas de múltiplas geografias, contribuem para sustentar a inegável existência de um corpus bibliográfico sólido relativo a uma sociologia da relação escola-família.

⁸ Aqui entendidos como pais de alunos que profissionalmente são professores.

Teses de doutorado e mestrado

Nesta secção fica apenas a referência à existência de um número incontável deste tipo de trabalhos produzidos no âmbito da academia. Eles são seguramente da ordem das muitas centenas, milhares até se tivermos em conta uma escala internacional e para além da lusofonia.

Registe-se que Maria Alice Nogueira e Tânia Resende (2022) nos apresentam uma análise sobre a produção de teses e dissertações no Brasil no âmbito da relação escola-família entre 1997 e 2011. Em apenas década e meia inventariaram 266 trabalhos, dos quais 88 em sociologia da educação (ou seja, poderíamos considerá-los de sociologia da relação escola-família).

No caso de Portugal são também inúmeras as dissertações de mestrado sobre a escola-família, muitas de caráter disciplinar, havendo ainda um número razoável de teses de doutorado. Desde o ano 2000 verifica-se a produção de, pelo menos, quatro teses de doutorado que apõem um olhar explicitamente sociológico às questões da escola-família: Pedro Silva (2001), Virgínio Sá (2003), Ana Diogo (2005) e Eva Gonçalves (2015). Acrescente-se que estamos aqui perante trabalhos que recaem formalmente tanto no âmbito da sociologia como no das ciências da educação (na especialidade de Sociologia da Educação ou sem especialidade). Este aspeto chama a atenção para a importância do contributo de muitos trabalhos em sociologia da educação ligados às ciências da educação e não apenas à sociologia. Uma sociologia da relação escola-família sofre também esta dupla influência, tão visível em Portugal: a da sociologia e a das ciências da educação.

Perspetiva pessoal

Nas linhas seguintes apresento, de forma sintética, a minha perspetiva de uma sociologia da relação escola-família. Trata-se de um olhar que tenho vindo a apresentar ao longo do tempo em textos variados (por exemplo, Silva, 2002; 2003; 2013; 2014), pelo que me limito aqui à sua enunciação de uma forma quase esquemática.

Por um lado, gostaria de sublinhar que entendo a relação como sendo perpassada por uma *clivagem sociológica* em termos de, pelo menos, classe social, género e etnia. A escola representa a instituição e a cultura socialmente dominantes. Os estudantes e suas famílias provêm dos mais variados tipos de meio social. Parafraseando Orwell, perante a escola alguns pais são mais iguais do que outros. Parafraseando, por sua vez, Bourdieu, a escola discrimina as famílias (e os filhos/alunos) ao tratá-las como iguais. A classe social, desde logo, faz toda a diferença. Como destacam várias obras de sociologia da educação (por exemplo, Lightfoot, 1978; Connell *et al.*, 1982; Lareau, 1989; David, 1993; Vincent, 1996; Henry, 1996; Nogueira; Romanelli; Zago, 2000; Silva, 2003; Diogo, 2008; Payet, 2017), não só pais de diferentes classes sociais apresentam distintas capacidades de informação e intervenção sobre o contexto escolar (as formas de interação são quantitativa e qualitativamente diferentes, no dizer de Lareau, 1989), como o modo como são tratados pela instituição escolar também pode diferir, traduzindo-se, nalguns casos, em situações de discriminação conjuntural ou mesmo estrutural (Lightfoot, 1978; Silva, 2003; 2013).

Em articulação com a reflexão anterior, entendo a relação entre escolas e famílias também como uma relação entre culturas, ou seja, uma relação social (entre culturas), logo, de poder. Nas nossas sociedades estratificadas existe uma hierarquização social (não natural, nem científica!) entre culturas onde, como sustenta Tomaz Tadeu da Silva (1995), a sua equivalência antropológica convive com a sua desigualdade sociológica. Por outras palavras: existe uma relação entre a cultura escolar (socialmente dominante) e a cultura familiar, de base local. Isto significa estarmos perante uma relação entre uma cultura escolar caracterizada como sendo maioritariamente de (nova) classe média, urbana e letrada, onde impera a lógica do código sociolinguístico elaborado (Bernstein), e a cultura ou culturas locais. Neste sentido, a relação entre os estudantes e suas famílias e a instituição escolar pode ser de maior ou menor (des)continuidade cultural, no limite, de choque cultural (situação típica de meios populares, incluindo algumas minorias étnicas).

Paralelamente, a maioria dos estudos acima identificados dá conta também da importância das interações de género numa relação que tende a ser no feminino (Silva, 2003), entre professoras e mães, onde a presença de pais (homens) tende a ser sobrevalorizada pelo corpo docente, que tende a encarar estas famílias como particularmente empenhadas na escolarização dos filhos (por exemplo, Lareau, 1989; David, 1993).

Adicionalmente, também as questões de identidade étnica (e ainda a condição de imigrante) podem fazer a diferença, nomeadamente se tivermos em conta que as sociedades tendem a ser cada vez mais multiculturais, o que levanta a difícil questão de como construir relações interculturais, incluindo as questões da mediação em contexto escolar e, desde logo, o papel dos professores/educadores enquanto construtores de pontes entre culturas (Stoer; Cortesão, 1999; Vieira; Vieira, 2016a; 2017; Vieira; Vieira, 2016b; Silva, 2003; 2014).

Finalmente, gostaria de fazer referência ao meu conceito de *dupla díade* da relação, que aponta para a existência de duas vertentes (escola e lar) e duas dimensões de ação (individual e coletiva). Sabemos que quer a legislação, quer a maior parte da pesquisa e correspondente bibliografia, se focam na vertente escola. Contudo, o que se passa dentro dos lares não é menos importante relativamente à escolarização das crianças e jovens. Neste sentido, conceitos como estratégias educativas familiares, paradigma familiar, *family life* ou investimento das famílias (Clark, 1983; Kellerhals; Montandon, 1991; Montandon, 2001; Lareau, 2003; 2007; Lahire, 2004; Diogo, 2008) têm-se revelado úteis e dado origem a alguns estudos minoritários, mas relevantes. Se há que entender o que as escolas fazem às famílias (Perrenoud, 2001), também há que apreender o que as famílias fazem às escolas (Almeida, 2005).

As lógicas de ação da teia múltipla de atores sociais da relação (*centrais*, como as crianças/jovens, os pais e os professores; *periféricos*, como os funcionários não docentes, as associações de pais, as autarquias, organizações locais diversas etc.)⁹ podem assumir um carácter *individual* (como quando um pai ou mãe agem em casa ou na escola em representação exclusiva do seu próprio educando) ou *coletivo* (casos, por exemplo, de um líder de uma associação de pais ou de um representante parental num órgão da escola, que é suposto representarem a generalidade dos

⁹ Sabendo que as relações são dinâmicas e biunívocas, nalguns momentos e contextos os atores periféricos podem tornar-se centrais.

pais e, no limite, das crianças e jovens). No primeiro caso estamos perante a defesa de interesses individuais, particulares; no segundo perante interesses coletivos, gerais. No primeiro estamos perante *envolvimento*; no segundo, perante *participação*. Nem sempre estes dois tipos de ação são explicitados nas pesquisas; no entanto, eles seguem lógicas distintas e podem mesmo (con)fundir-se num mesmo indivíduo, gerando tensões intra-individuais nem sempre devidamente assinaladas e tidas em conta (Beattie, 1985; Silva, 2003).

O cruzamento de alguns dos conceitos propostos – nomeadamente o da clivagem sociológica que perpassa pela relação e o da sua dupla díade – permite melhor entender fenómenos como o do *envolvimento invisível* dos pais como sendo típico dos meios populares ou o da participação parental como constituindo um *ofício de classe média* (Beattie, 1985; Silva, 2003). No primeiro exemplo temos pais que se envolvem em casa no apoio à educação escolar dos filhos, mas não comparecem na escola (mesmo sendo, nalguns casos, sistematicamente convocados), o que gera equívocos na sua relação com os docentes, os quais apontam para uma demissão parental, sem entenderem as barreiras de ordem sociocultural que permeiam a relação; no segundo exemplo, Beattie e outros mostram não constituir uma coincidência o facto da participação parental (líderes de associações de pais e representantes dos pais em órgãos das escolas) recair sobretudo naqueles pais que dominam o código sociolinguístico dominante e a legislação, jogando com armas iguais à da escola e seu corpo docente.

Em suma, a relação entre escolas e famílias constitui uma relação assimétrica, apesar de muitas escolas se relacionarem com as famílias com base num pressuposto de igualdade, o que, amiúde, induz um efeito de reprodução social. Entendo, porém, que toda a relação armadilhada (Silva, 2003) é desarmadilhável. É sempre possível pôr um pauzinho na engrenagem como Paulo Freire e tantos outros nos têm mostrado.

Considerações finais

Procurei demonstrar nas páginas anteriores a pertinência do uso da expressão *sociologia da relação escola-família* tendo em conta um conjunto de elementos de legitimação social e de legitimação teórica sobre a existência, desde há décadas, de: a) uma *problemática da relação escola-família*, a qual tem sido alvo de olhares não disciplinares, disciplinares e, por vezes, interdisciplinares; e b) de uma *análise sociológica da relação escola-família*, com pesquisas, publicações e eventos nacionais e internacionais.

Correspondendo a *análise sociológica da relação escola-família* a uma prática recorrente e consolidada, a designação *sociologia da relação (escola-família)* não é, contudo, frequente. As duas exceções assinaladas – artigo de Terrail (1997) e OSFE – não abriram caminho. Uma sociologia da relação escola-família, enquanto eventual ramo da sociologia, entronca (mais direta, mas não exclusivamente) nos contributos de dois dos ramos mais antigos da sociologia: o da educação e o da família. Pode equacionar-se, assim, um eventual problema para puristas das fronteiras tradicionais das ciências sociais e da educação, em particular da sociologia: o da emergência de um novo ramo da sociologia perante ramos já consagrados, alguns dos quais se constituíam, até, em pilares do

novo ramo. Talvez resida aqui parte da resistência ao emprego do termo proposto, sendo certo que levanta questões do foro epistemológico. Acrescente-se que outra possibilidade seria encarar a sociologia da relação escola-família como uma especialidade ou um sub-ramo da sociologia da educação, dado que aquela problemática tem sido abordada sobretudo por este ramo da sociologia. Contudo, desde há muito que sociólogos vários, incluindo especialistas sobre as interações de escolas e famílias, vêm apontando a necessidade de uma articulação entre as sociologias da educação e da família (Epstein, 2011¹⁰; citação acima extraída da página eletrónica do OSFE), sabendo-se que também outros ramos da sociologia, alguns bem mais recentes, têm o seu contributo a dar (e a receber): por exemplo, as sociologias da infância e da juventude, mas também das organizações. Deste ponto de vista, considerar a sociologia da relação escola-família como um ramo da sociologia da educação pode ser redutor.

Correspondendo, como vimos, a análise sociológica da relação escola-família a uma prática recorrente e consolidada, não vejo motivos sérios para o não uso do termo proposto, embora reconheça que pode levantar alguns problemas do foro epistemológico nomeadamente, como assinalado, para os puristas das fronteiras inter e intra ciências, como se elas fossem rígidas e não dinâmicas, e estanques e não porosas. E como se a constituição dos ramos das ciências não relevasse também de uma história dinâmica e nunca definitiva. Usando uma expressão de linguagem corrente, a proposta avançada – uso do termo *sociologia da relação escola-família* – corresponde a chamar a coisa pelo nome. Quem tem medo?

Referências

ALMEIDA, Ana Nunes. O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate. *Análise Social*, v. XL, n. 176, p. 579-593, 2005.

BEATTIE, Nicholas. *Professional parents: parent participation in four Western European countries*. Philadelphia: The Falmer Press, 1985.

BERNIER, Léon; SINGLY, François (Orgs.). *Lien social et politiques*. Montréal: Saint-Martin, 1996. (Número temático Familles et École; RIAC 35)

CLARK, Reginald. *Family life and school achievement: why poor black children succeed or fail*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

CONNELL, Raewyn; ASHENDEN, Dean; KESSLER, Sandra; DOWSETT, Gary W. *Making the difference: schools, families and social division*. Sidney: George Allen & Unwin, 1982.

CORREIA, José Alberto. A crise da escola e os dispositivos de compensação identitária dos professores. *Trabalho e Educação*, v. 17, n. 2, p. 31-52, 2008.

DAVID, Miriam. *Parents, gender and education reform*. Cambridge: Polity Press, 1993.

DAVIES, Don; JOHNSON, Vivian (Guest editors). *International Journal of Educational Research*, n. 25, n. 1, 1996. (Número temático Crossing boundaries: family, community and school partnerships).

¹⁰ Já em 1993 a comunicação de Joyce Epstein na *II Conferência Internacional de Sociologia da Educação*, em Faro, Portugal, constituiu um apelo explícito à articulação entre estes dois ramos consagrados da sociologia.

DIOGO, Ana Matias. *Investimento das famílias na escola à saída do ensino obrigatório: configuração familiar e contexto escolar local*. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2005.

DIOGO, Ana Matias. *Investimento das famílias na escola: dinâmicas familiares e contexto escolar local*. Lisboa: Celta, 2008.

EDUCAÇÃO E ENSINO. *Revista da Associação de Municípios de Setúbal*, ano 5, n. 7, 1993. (Dossier Escola-Família)

EPSTEIN, Joyce. *School, family and community partnerships*. Boulder: Westview Press, 2011.

ESES. *Revista da Escola Superior de Educação de Santarém*, n. 5, 1994. (Número temático Escola-Famílias)

GONÇALVES, Eva. *A escola e a família, uma parceria ou uma simples aproximação? Uma análise comparada de políticas, estratégias, práticas e resultados*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.

HENDERSON, Anne; MAPP, Karen; JOHNSON, Vivian; DAVIES, Don. *A escola também se vive cá fora*. Lisboa: Plátano, 2013.

HENRY, Mary. *Parent-school collaboration: feminist organizational structures and school leadership*. Albany: State University of New York Press, 1996.

INOVAÇÃO. *Revista do Instituto de Inovação Educacional*, v. 7, n. 3. Lisboa: Ministério da Educação, 1994. (Número temático Educação e Família)

INTERNATIONAL JOURNAL ABOUT PARENTS IN EDUCATION (IJPE). *Revista da ERNAPE (European Research Network about Parents in Education)*. <https://ijpe.eu/index>

KELLERHALS, Jean; MONTANDON, Cléopâtre. *Les stratégies éducatives des familles: milieu social, dynamique familiale et éducation des pré-adolescents*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1991.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

LAREAU, Annette. *Home advantage: social class and parental intervention in elementary education*. New York: The Falmer Press, 1989.

LAREAU, Annette. *Unequal childhoods: class, race and family life*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2003.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação em Revista*, v. 46, p. 13-82, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200002>

LIGHTFOOT, Sara. *Worlds apart: relationships between families and schools*. New York: Basic Books, 1978.

MARJORIBANKS, Kevin (Guest editor). *International Journal of Educational Research*, v. 21, n. 5, 1994. (Número temático Families, schools and children's learning: a study of children's learning environments)

MATOS, Manuel. Jovens, alunos, ensino secundário: um mundo crescente de contradições. *Educação, Sociedade & Culturas*, v. 27, p. 15-26, 2008.

MATOS, Manuel. *Entre a vida e a escola: um tempo para pensar a tensão da relação*. Porto: CIEE/Livpsic, 2009.

MONTANDON, Cléopâtre. Práticas educativas, relações com a escola e paradigma familiar. *In: MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe (Orgs.). Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Oeiras: Celta, 2001. p. 113-152.

NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, Tânia Freitas. Relação família-escola no Brasil: um estado do conhecimento (1997-2011). *Educação: Teoria e Prática*, v. 32, n. 65, p. 1-19, 2022.

<https://doi.org/10.18675/1981-8106.v32.n.65.s15325>

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OSFE. Observatório Sociológico Família-Escola. <https://osfefae.wixsite.com/osfe>

PEDRO, Isaura; SILVA, Pedro (Orgs.). *Medi@ções*, v. 10, n. 2, 2022. (Número temático A escola, a família e a comunidade na construção de parcerias).

<https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/issue/view/26>

PAYET, Jean-Paul. *École et familles, une approche sociologique*. Paris: De Boeck, 2017.

PERRENOUD, Philippe. O que a escola faz às famílias. *In: MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe (Orgs.). Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Oeiras: Celta, 2001. p. 57-112.

RESENDE, Tânia. Pela “janela” do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias? *In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Orgs.). Família & escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 199-219.

RODRÍGUEZ-RUIZ, Beatriz; ÁLVAREZ-BLANCO, Lucía; MARTÍNEZ-GONZÁLEZ, Raquel-Amaya; EPSTEIN, Joyce. (Orgs.). *Aula Abierta*, v. 48, n. 1, 2019. (Número temático Relación entre centros educativos, familias y entidades comunitarias). <https://doi.org/10.17811/rifie.48.1.2019>

SÁ, Virgínio. *A participação dos pais na escola pública portuguesa: uma abordagem sociológica e organizacional*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2003.

SILVA, Pedro. *Interface escola-família, um olhar sociológico: um estudo etnográfico no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade do Porto, Porto, 2001.

SILVA, Pedro. Escola-família: tensões e potencialidades de uma relação. *In: LIMA, Jorge Ávila (Org.). Pais e professores: um desafio à cooperação*. Porto: ASA, 2002. p. 97-132.

SILVA, Pedro. *Escola-família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SILVA, Pedro (Org.). *Interações*, n. 2, 2006. (Número temático Pluralidade de olhares sobre escolas e famílias e suas intra e inter-relações). <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/issue/view/36>

SILVA, Pedro. Análise sociológica da relação escola-família: um roteiro sobre o caso português. *Sociologia*, v. XX, p. 443-464, 2010.

SILVA, Pedro. Análise sociológica da relação escola-família: um roteiro sobre o caso português. *In: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel; VIEIRA, Maria Manuel (Orgs.). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 76-109.

SILVA, Pedro. Escolas, famílias e desigualdades sociais. In: DIOGO, Ana Matias; DIOGO, Fernando (Orgs.). *Desigualdades no sistema educativo: percursos, transições e contextos*. Lisboa: Mundos Sociais, 2013. p. 71-88.

SILVA, Pedro. Escolas, meios populares e mediação sociocultural. In: BURGOS, Marcelo Baumann (Coord.). *A escola e o mundo do aluno: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 403-449.

SILVA, Tomaz Tadeu. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. *Educação, Sociedade & Culturas*, v. 3, p. 125-142, 1995.

STOER, Stephen; CORTESÃO, Luiza. *Levantando a pedra: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização*. Porto: Afrontamento, 1999.

TERRAIL, Jean-Pierre. La sociologie des interactions famille/école. *Sociétés Contemporaines*, v. 25, p. 67-83, 1997.

VIEIRA, Ana; VIEIRA, Ricardo, *Pedagogia social, mediação intercultural e (trans)formações*. Porto: Profedições, 2016a.

VIEIRA, Ricardo; VIEIRA, Ana. Mediações socioculturais: conceitos e contextos. In: VIEIRA, Ricardo; MARQUES, José; SILVA, Pedro; VIEIRA, Ana; MARGARIDO, Cristóvão (Orgs.). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Afrontamento, 2016b. p. 27-55.

VIEIRA, Ana; VIEIRA, Ricardo. Mediações socioculturais em territórios educativos. In: VIEIRA, Ricardo; MARQUES, José; SILVA, Pedro; VIEIRA, Ana; MARGARIDO, Cristóvão (Orgs.). *Conceções e práticas de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Afrontamento, 2017. p. 29-55.

VINCENT, Carol. *Parents and teachers: power and participation*. Londres: Falmer Press, 1996.

PEDRO SILVA

Doutor em Ciências da Educação, Universidade do Porto (UP), Porto, Portugal. Professor, Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria), Leiria, Portugal.

APOIO/FINANCIAMENTO

Não houve.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Pedro. Por uma sociologia da relação escola-família. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 41, e98366, 2025. <https://doi.org/10.1590/1984-0411.98366>

O presente artigo foi revisado Elodia Honse Lebourg. Após ter sido diagramado foi submetido para validação do(s) autor(es) antes da publicação.

Recebido: 12/06/2024

Aprovado: 16/01/2025

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.

